

Apresentação da constituição do conceito “Eu” proposto por Sartre em sua obra “A transcendência do Ego”.

Marcos Rodrigo Rabelo Amado⁴⁴

Palavras chaves: Consciência; Eu; Transcendente; Unidade.

Introdução

O presente texto tem como objetivo expor as argumentações propostas pelo filósofo francês Jean-Paul Sartre em relação à constituição do Ego contidas em sua obra “A transcendência do Ego”. A referida obra busca, a princípio, propor uma refutação ao solipsismo, doutrina a qual consiste em afirmar que só o “eu” existe e que todos os outros entes são apenas ideias desse mesmo eu, o solipsismo, ainda, seria como que uma espécie de idealismo ao postular que não apenas as coisas, mas como também os espíritos se reduzem a ideias.

Para isso, inicialmente Sartre descreve sua leitura do “Eu” que se faz presente em Kant e Husserl, e de que forma esse conceito se dá para cada um dos autores. No entanto, como dito, nessa oportunidade, darei foco à constituição propriamente dita que o autor faz em sua obra do “Ego”. Para tal, será preciso desenvolver a leitura que Sartre faz das ideias de “consciência” e “Eu transcendental” de Husserl, para entender o porquê ele propõe uma nova constituição do Ego. Dito isso, tratarei dos conceitos de estado, ação e qualidade, que participam diretamente dessa constituição para que, ao final, seja possível desenvolver de que forma Sartre, fazendo uso dos conceitos supracitados, constitui o Ego.

Presença do “Eu transcendental” na consciência

Segundo Sartre (2013,p. 20), Husserl apresenta uma consciência a qual é constituída por um Eu transcendental, que estaria como que por detrás de toda a consciência. Desse modo, todas as percepções e pensamentos se reportariam a essa consciência unificada, e o Eu seria produtor de interioridade. No entanto, diante do conceito de consciência, apresentado pelo próprio Husserl -que o Sartre entende como sendo válida nessa obra- essa é translúcida, não podendo ser dita objeto e tampouco possui um lugar “dentro” dela. De acordo com essa conceituação, não há, para o autor francês, como haver um “Eu” transcendental como polo unificador.

44 Discente do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.

Entregar o papel de unificação e individualização da consciência a um Eu transcendental seria inútil, já que, como explica Sartre (2013, p.23), é a própria consciência que torna possível a unidade e individualidade do Eu. A existência do Eu na consciência, ao que descreve o autor, seria causa de sua morte, já que faria com que ela fosse dividida e acabasse por “escorregar” em cada uma das outras consciências. A consciência é um absoluto de existência, ela é consciente de si própria. É nas relações que faz com os objetos transcendentais a ela que a consciência se unifica e, assim, faz-se consciente de si. Não se pode, então, inferir que a consciência seja consciente de si de maneira posicional, pois, enquanto é, ela não coloca a si mesma como sendo um objeto, todos esses estão fora dela. Isso por causa de sua própria natureza. Essa consciência, que nunca coloca a si mesma diante de si e que sempre é consciente de um objeto transcendente, é a consciência de primeiro grau ou consciência irrefletida.

Junto a essa consciência de primeiro grau há a consciência reflexiva ou de segundo grau. Trata-se de uma consciência que faz emergir uma consciência passada, tornando-a objeto de reflexão. Entre essas duas existe uma unidade indissolúvel, apontada por Husserl, nos diz Sartre(2013, p.26). E isso significa que, enquanto a consciência reflexiva opera sobre uma consciência refletida, ela não põe a si mesma como objeto da reflexão, ela em si mesma é irrefletida.

Para chegar à conclusão de que na consciência irrefletida não existe a presença de um Eu, e que esse se faz presente na consciência refletida, Sartre recorre à uma experiência concreta, tendo em vista que toda consciência irrefletida é não tética de si. Esta deixaria uma recordação possível, igualmente não tética, de ser consultada. Ao buscar recordar um momento e suas circunstâncias, não apenas os objetos poderão ser apreendidos, mas, segundo o autor, uma certa espessura de consciência irrefletida. Os objetos que foram percebidos permanecem relativos a ela.

Nesse exercício o objetivo não é colocar a consciência como objeto, mas voltar a atenção aos objetos dessa experiência ressuscitada. Sem perder a consciência de vista e buscando fazer um inventário dos objetos que fazem parte da recordação, resulta que o Eu não se encontra. Em uma recordação de direção, por exemplo, pode-se observar que há consciência da marcha, da estrada, da embreagem, do volante, mas não se encontra de fato um “Eu” quando a consciência de primeiro grau opera em relação à direção do automóvel. Mas, ao se remeter à consciência refletida dessa mesma recordação serão apreendidos pensamentos

do tipo “Era eu quem dirigia o carro”. Desse modo, o que constitui a unidade da consciência são os próprios objetos intencionados. Assim, o fato da inexistência de um Eu transcendental se dá devido a própria estrutura da consciência, afirma Sartre (2013, p.29).

Quando a apreensão do Eu é feita pela consciência reflexiva, ele afirma sua permanência para além dessa e qualquer outra consciência. Sou eu quem escrevo, e não teria como não ser, e quando eu parar para refletir sobre, aparecerá como tendo sido “Eu” quem escrevi. Isso se dá em razão de seu tipo de existência, que se aproxima com as das verdades eternas, que afirmam sua transcendência como sendo independentes do tempo. Ao contrário da consciência, que se individualiza exatamente na duração, no tempo.

Para deixar mais claro, o Eu não aparece à reflexão como uma consciência, mas ele se dá através da consciência, sendo essa a refletida, e quando apreendido pela intuição ele é objeto de uma evidência. O Eu, em questão, não pode nem ser considerado como uma evidência apodítica, nem adequada; não pertence a do primeiro tipo, pois, ao se dizer “Eu” é afirmado muito mais do que se sabe, tampouco da segunda, porque esse se apresenta como uma realidade opaca, cujo conteúdo seria preciso desenvolver, o que leva à ideia de um *Moi* infinitamente contraído. A natureza desse objeto é se manifestar como sendo a fonte da consciência.

Tendo visto que o Eu não pode estar presente na consciência de primeiro grau, devido a própria estrutura que Husserl apresenta do que seja a consciência, foi possível entender que o Eu aparece através da atitude reflexiva, a partir da consciência de segundo grau. Dito isso, vejamos de que modo o Eu o qual Sartre propõe em sua obra “A transcendência do Ego” se constitui, de que modo e o que faz parte da constituição desse Ego.

Um polo transcendente chamado Eu

A unidade dos estados, ações e qualidades são parte constitutiva do Ego, um polo transcendente, que aparece apenas por meio da consciência reflexiva. Os estados, por sua vez, são objetos de uma intuição concreta, que também aparecem à consciência reflexiva. A reflexão pode alcançar diversos objetos, mas nem tudo o que ela apreende é certo e indubitável, ela possui limites. Vejamos, então, de que modo Sartre descreve os conceitos de estados, ações e qualidades.

O que acontece é que os estados se hipostasiam, afirmam sua presença para além do momento presente, estendendo-se ao passado e futuro. Pode-se, então, afirmar que os estados

não são da consciência, mas estão para ela ultrapassando, assim, sua instantaneidade. Os estados não se dobram à lei absoluta da consciência, para a qual não existe diferença entre ser e aparecer. Mesmo que se esteja absorvido em qualquer outra ocupação e nenhuma consciência os revele, eles ainda se dão como constituinte de ser. Operando por si, são eles objetos transcendentais.

Ações também são transcendentais, todas elas são executadas no mundo, elas são uma realização concreta. Demandando tempo para poder acontecer e possuindo articulações e momentos. As qualidades, no que lhes diz respeito, são postas como um intermediário que por vezes estarão presentes entre os estados e ações. Qualidades são um transcendente que representa o substrato dos estados. Relacionam-se, ainda, com os estados e ações como atualização, uma potencialidade que, por algum fator, pode vir a ser atual. No momento em que se torna atual passa a ser estado ou ação. Esse modo de ser das qualidades, a potencialidade, não é uma questão de possibilidade, mas seu modo próprio de existir enquanto potência.

Dito isso, o Ego está comprometido com os estados, ações e qualidades, já que esse é a unidade de todos esses. Fora dessa totalidade concreta que o Ego suporta, ele nada é. Transcende a todos os estados, ações e qualidades que unifica, sendo a totalidade infinita destes, no entanto, não se deixa jamais reduzir-se a um em particular. Se buscássemos esse Ego, que aparece à consciência refletida, na consciência irrefletida, seria pensar em um mundo concebido como totalidade sintética de todas as coisas. O Ego se comporta aos objetos psíquicos de modo análogo ao mundo, e o que ele é para as coisas. O modo de aparição do Ego é sempre no horizonte dos estados e ações, sendo impossível separá-los do Ego sem abstração.

O Ego possui um caráter duvidoso, de modo que as intuições que ele dá podem ser contraditas por outras subsequentes. Pode-se, por exemplo, pensar com clareza de que se é rancoroso e verificar, outrora, que isto não passou de um engano. O erro de se acreditar possuir um determinado *Moi* acontece no nível da evidência prejudgada. Isso não é por ter um verdadeiro *Moi*, e o ignorar, mas exatamente porque o Ego intencionado traz consigo a dubitabilidade e, em certos casos, de falsidade. Por ser duvidoso não se deve concluir que o Ego seja apenas uma hipótese, não se pode dizer “Possa ser que eu tenha um Ego”, como podemos falar “Possa ser que eu esteja enganado em relação ao meu Eu”.

Reportando-se aos resultados de uma intuição, nos diz Sartre (2013, p.50) que o Ego se dá como sendo o produtor de seus estados. Cada novo estado está ligado direto ou indiretamente através das qualidades ao Ego, e este se apresenta como sendo sua origem. Essa criação é *ex nihilo*, a partir do nada, no sentido de que os estados se dão como não tendo sido antes do Moi. O ato unificador da reflexão religa cada novo estado a totalidade concreta Moi, ocorrendo o mesmo em relação as ações relacionadas ao Eu. Quanto às qualidades, mesmo elas não qualificando o Moi, elas não se dão como algo por meio do qual ele existiria. O Ego mantém suas qualidades através de uma criação contínua.

Sartre afirma que não se apreende o Ego como se ele fosse uma fonte criadora pura para além das qualidades, não surge um polo esqueleto caso retire cada uma das qualidades ligadas a ele. Se o Ego se dá como estando para além de qualquer qualidade, estado ou ação, isso é em razão de seu caráter opaco, já que ele é um objeto. Caso se recorresse a um “desnudamento” infinito para retirar desse Moi todas as suas potências, ao fim não restaria nada. Sendo um objeto, o Ego possui perfis, e os seus são necessariamente as qualidades, os estados e as ações. O Ego, ainda, é criador de seus estados e sustenta suas qualidades na existência por uma espontaneidade que as conserva.

Entretanto, essa espontaneidade do Ego não pode ser confundida com a da consciência. Por se tratar de um objeto, o que ele possui é uma “pseudoespontaneidade”, que encontra símbolos convenientes na manifestação súbita de uma fonte, sendo apenas aparência. Uma espontaneidade verdadeira é perfeitamente clara, caso se ligasse a alguma outra coisa distinta de si envolver-se-ia em alguma obscuridade, tendo que se admitir uma passagem de si mesma a algo de diferente. O sentido do Ego é um objeto apreendido e constituído pela consciência reflexiva, um núcleo vital de unidade, e a consciência, ao constituir o Ego, o faz em sentido inverso a produção real. Primeiro devem ser as consciências, através delas os estados e, por meio destes, o Ego. Entretanto, em busca de fugir de si mesma, a consciência se aprisiona no mundo, fazendo, com isso, a inversão da ordem; a consciência a partir dos estados, e os estados a partir do Ego. Com isso, é a própria consciência quem atribui o sentido de constituinte e sua própria espontaneidade no objeto Ego.

REFERÊNCIAS:

SARTRE, Jean-paul. A Transcendência do Ego: Esboço de uma descrição fenomenológica. Petrópolis, Rj: Vozes, 2013.

